

JOÃO DE PINA CABRAL
NELSON LOURENÇO

EM TERRA DE TUFÕES

DINÂMICAS
DA ETNICIDADE
MACAENSE

INSTITUTO CULTURAL DE MACAU
1993

JOÃO DE PINA CABRAL
NELSON LOURENÇO

EM TERRA DE TUFÕES

DINÂMICAS
DA ETNICIDADE
MACAENSE

6

DOCUMENTOS
& ENSAIOS



INSTITUTO CULTURAL DE MACAU
1993

**COLECÇÃO
DOCUMENTOS E ENSAIOS**

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS

4

**Um Tratado Sobre o Reino da China
dos Padres Duarte Sande e Alessandro Valignano (Macau, 1590)**
Introdução, versão portuguesa e notas de *Rui Manuel Loureiro*

5

Cronologia Geral da Índia Portuguesa
Carlos Alexandre de Moraes

6

**Em Terra de Tufões
Dinâmicas da Etnicidade Macaense**
João de Pina Cabral e Nelson Lourenço

*Projecto de Investigação Subsidiado pelo
Instituto Cultural de Macau*

Edição

INSTITUTO CULTURAL DE MACAU 1993

Direcção Gráfica e Capa

VICTOR HUGO MARREIROS

Fotocomposição e Montagem

GABINETE DE EDIÇÕES DO ICM

Seleccção de Cores

OMNIS

Impressão

TIPOGRAFIA WELFARE

Tiragem

3000 EXEMPLARES

ISBN - 972-35-0139-2

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	7
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA	9
PREFÁCIO	11
CAPÍTULO I — O Contexto Histórico de Uma Identidade Étnica	17
Significado da expressão “macaense” neste estudo	19
O Macau Bambu — instabilidade e permanência	24
CAPÍTULO II — A Família e a Etnicidade: Considerações Metodológicas de Natureza Preliminar	39
O campo da família	41
O campo da identidade étnica	44
Conclusão metodológica	46
CAPÍTULO III — A Questão das Origens: Relações Interétnicas e Contextos Matrimoniais	53
A questão das origens	58
A assimetria nas relações sexuais interétnicas	65
Conclusão	69
CAPÍTULO IV — As Gerações Macaenses	73
O percurso da geração declinante	76
Uma classe média etnicamente dividida	84
O percurso da geração controlante	96
O percurso da geração emergente	104
Conclusão	112
CAPÍTULO V — O Dilema da Aliança: Estratégias Matrimoniais Num Contexto de Mudança Social e Política	117
Princípios utilizados na recolha dos dados	120
Dados recolhidos	121
Identificação étnica dos nubentes	123
Os parâmetros temporais da comparação	125
Evolução dos casamentos interétnicos	127
Casamentos mistos e cerimónias mistas	133
Casamento, projecto familiar e redes sociais	141
Novas dinâmicas da relação entre os géneros	144
Conclusão	154

CAPÍTULO VI — O Confronto com o Aleatório: Identidade Pessoal e Ambiguidade Étnica	159
Etnicidade e ambiguidade: A escolha pessoal como aleatória	162
O plurilinguismo visto na longa duração	164
A perspectiva da geração emergente: O exemplo da Escola Comercial ...	173
A língua de celebração do casamento	175
O estigma da ineficiência linguística	177
O sincretismo cultural da geração emergente	180
Etnicidade e nomes pessoais	187
Formas de nomeação interétnica	193
Conclusão	200
CAPÍTULO VII — Da Comunidade à Autoridade: Elites e Acção Colectiva	205
A autoridade e o privilégio	209
Que género de comunidade?	218
Os nódulos de comunidade: A família	223
Os nódulos de comunidade: Os amigos	228
Conclusão	233
EPÍLOGO	237
APÊNDICE I	243
As bambinos criadas pelas Madres canossianas	245
I. Donde vieram as órfãs	245
Bebés adoptados	246
Meninas adoptadas	246
II. Nacionalidade e Identificação Legal	247
APÊNDICE II	249
Percentagens das profissões dos parentes femininos	251
BIBLIOGRAFIA	253
BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA	259

PREFÁCIO

Desde a sua fundação — há mais de quatro séculos — a minúscula cidade de Macau constituiu um dos poucos pontos de encontro a manter-se constante e inalterável, através dos revezes que marcaram o diálogo entre duas das civilizações mais diferenciadas do mundo. Apesar do mútuo conhecimento e não obstante a ocorrência de alguns curtos momentos de maior aproximação, as tradições culturais chinesa e europeia evoluíram separadamente.

Todavia, a longevidade de Macau tem algo de surpreendente, se a virmos à luz da conturbada história da cidade. Os tufões de que fala o nosso título não são só as tormentas que no Verão se abatem sobre a cidade, deixando atrás de si um rasto de medo e destruição. São sobretudo as crises de legitimidade que desde sempre têm caracterizado a história de Macau e cuja ocorrência tem uma regularidade que indica tratarem-se de fenómenos de natureza estrutural.

Os Portugueses do Oriente — “macaenses” ou “filhos da terra”, como são também conhecidos — são o produto de séculos deste diálogo entre duas civilizações. Um diálogo cuja riqueza e benefício mútuo só podem ser avaliados à luz da assustadora intempestuosidade das recorrentes discordâncias.

Em momentos diferentes da sua história, Macau foi coisas muito diferentes. Desde a pujança do período do comércio com o Japão, ao abandono e esquecimento das seis décadas filipinas, à pujança do período da East India Company, ao quase colapso que se segue à fundação de Hong Kong, às crises que acompanham o estabelecimento da República de Sun Yat-Sen no Sul da China, à estranha liber-

dade e mísera independência durante a ocupação japonesa do Sul da China, ao marasmo económico e social dos meados do nosso século, às humilhações dessa tão traumática Revolução Cultural, à presente prosperidade e pujança social — através de tudo isto um único elemento foi permanente: a presença desse pequeno mas contumaz povo macaense.

Não obstante, seria errado ler o passado e o presente dos “filhos da terra” tendo em conta unicamente as relações entre a China e Portugal. Como logo se apercebe quem se debruça sobre a sua culinária ou o *patois* que se falava ainda nos princípios deste século, o macaense é o produto de uma longa sedimentação de contactos e influências mútuas entre a China, a Europa e todo o mundo marítimo do Sul da Ásia. A enorme capacidade de adaptação e ressurgimento que têm caracterizado esta pequena população através da sua longa e tormentosa história é paradigmática. A principal lição que a história dos macaenses pode ensinar ao cientista social é a de salientar a natureza contextual das identidades étnicas.

Por muito pequeno que o seu número nos possa parecer, os macaenses de hoje continuam a constituir um dos vectores centrais da sociedade de Macau. Durante as duas últimas décadas de rápida e profunda mudança, eles demonstraram mais uma vez como são capazes de responder aos importantes desafios com que a história os confrontou. Qual será o seu papel depois da entrega da administração à República Popular da China¹ em 1999? Essa é a dilacerante pergunta que fazem diariamente as pessoas às quais este estudo é dedicado. A resposta a esta questão depende de tantos factores imponderáveis, que não encontramos forma segura de a satisfazer. No entanto, acreditamos que o conhecimento reflexivo e analiticamente crítico do presente e do passado é a maneira mais segura de confrontar o futuro.

O tema central deste estudo evoluiu naturalmente da própria palavra “macaense”. Foram os primeiros contactos no Território com os que viriam a ser os nossos entrevistados que nos forneceram a pergunta que inicialmente nos guiou: “mas que significa a palavra macaense?” Se começamos o nosso livro com essa pergunta, é porque ela veio espoletar o que acabaria por ser um ensaio sobre a etnicidade e a família.

A ênfase sobre a família surge porque, mal devolvíamos a pergunta, a resposta que recebíamos era um apontar de dedo para as “famílias macaenses” e, em particular, para as chamadas “famílias tra-

dicionais”. E que tipo de famílias são essas? A solução não a encontramos como pensávamos inicialmente numa caracterização estatística, sistemática e quantitativa, dos agregados domésticos. Longe disso. Não só tal exercício provou ser impossível como cedo percebemos que, fosse ele realizável, daria frutos de pouca valia. Necessitávamos outrossim de uma análise interpretativa, capaz de abarcar a fluidez, complexidade e sobredeterminação histórica dos fenómenos de identidade num contexto de pluriculturalidade e de intensa interacção étnica.

Assim se explica que iniciássemos com a chamada questão das origens. Questionar as origens de uma etnicidade é questionar a sua própria sobrevivência. Ora um dos aspectos mais enigmáticos da etnicidade macaense gira precisamente em torno à forma de definir as origens. Foi em resposta a este desafio que encontramos, sem nos termos imediatamente apercebido disso, a temática central deste estudo: o casamento. Numa comunidade como esta, em que ser mestiço é a norma², a escolha matrimonial é um momento formativo central. No casamento as pessoas moldam de forma futuramente determinante o perfil da identidade étnica dos seus filhos, dão sentido às suas opções identitárias pessoais e reavaliam as opções dos seus pais.

Mas Macau é uma cidade em constante mutação, os contextos mudam e o significado das escolhas altera-se, por vezes de formas imprevisíveis. Por isso fomos levados a tentar elucidar a relação entre identidade étnica e *ethos* geracional. Para tal debruçámo-nos sobre duas das principais formas de manifestação identitária pessoal, a língua e o nome. O nosso estudo conclui-se com uma tentativa de caracterizar a forma como, partindo de toda uma série de decisões sobre “quem eu sou”, se chega a uma resposta sobre “quem nós somos”. Terminamos, assim, o livro com um estudo breve do funcionamento das elites e das redes informais de sociabilidade que subjazem aos fenómenos de integração que dão azo a comportamentos colectivos.

* * *

A investigação decorreu entre 1989 e 1992, tendo as visitas ao Território totalizado doze meses de trabalho de campo. Pela complexidade e interesse das pessoas e situações com que lidámos, a investigação que realizámos constituiu para nós uma experiência fascinante e humanamente enriquecedora. Por parte tanto da elite intelectual e administrativa macaense como dos meios mais informados da comuni-

dade chinesa, encontrámos sistematicamente uma sincera preocupação em permitir e facilitar este estudo. Estamos profundamente gratos a todos os que dispenderam connosco horas preciosas tentando explicar-nos verbalmente o que eles naturalmente sabiam.

Em Macau, o estudo foi integralmente subsidiado pelo Instituto Cultural de Macau, cuja dedicação ao aprofundamento do conhecimento científico sobre a sociedade de Macau merece todo o elogio. Em Lisboa, o Instituto de Investigação Científica Tropical, através do seu Centro de Estudos Africanos e Asiáticos, deu-nos o apoio inicial. Estamos ainda gratos aos órgãos académicos de pertença dos investigadores, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.

Algumas das dívidas pessoais que contraímos foram tão decisivas que somos levados a especificá-las desde já como marca da nossa mais especial gratidão. Quem teve a ideia inicial para a realização deste estudo, lançando as bases práticas sem as quais ele nunca se efectuaria foi Jorge Morbey. Posteriormente, a equipe dirigente do Instituto Cultural de Macau do período 1990/1992 deu-nos um apoio sempre cortês e generoso. Em particular, a gentileza e genuíno interesse com que Gabriela Pombas Cabelo superou os vários precalços com que nos deparámos pelo caminho, ser-nos-ão inesquecíveis. Durante as prolongadas estadias em Macau dependemos imenso do Gabinete de Estudos e Investigação do ICM. O apoio e colaboração que nos concedeu Teresa Sena, contudo, superaram consideravelmente os limites de uma relação institucional. A crítica constante, os comentários e sugestões e as traduções de Mónica Chan foram aspectos centrais formativos da nossa argumentação.

Não nos é possível agradecer a todos os macaenses que nos ajudaram, alguns dos quais queremos hoje considerar como amigos pessoais, mas não podemos deixar de nomear dois cuja generosidade nos tocou particularmente: Henrique Senna Fernandes e Henrique Madeira de Carvalho.

Macau, Agosto 1993

NOTAS

¹ Doravante RPC.

² Ver os comentários perceptivos que Graciete Batalha tece em torno a esta palavra (1974:9).

Este livro é o resultado de um projecto comum. Seria injusto, todavia, não expressar ao leitor o meu reconhecimento ao João de Pina Cabral por ter assumido sozinho grande parte da actividade de pesquisa que levou à sua construção. Tal como as famílias aqui estudadas, este livro tem uma história. Uma história feita de projectos, de longos debates e discussões e da vontade de levar por diante uma ideia que o ultrapassa: a de criar as bases para o estudo continuado e sistemático de Macau e da Região do Delta. Seria injusto, por isso, não dizer que o presente texto, sendo o resultado de um projecto comum — é muito o livro do João.

Nelson Lourenço
Casal da Serra, Agosto de 1993

DOCUMENTOS & ENSAIOS

Desde a sua fundação na costa da China — há mais de quatro séculos — a minúscula cidade de Macau constituiu o único ponto de encontro a manter-se constante através dos revezes que marcaram o diálogo entre duas das civilizações mais diferenciadas do mundo. Os Portugueses do Oriente — “macaenses” ou “filhos da terra” — são o produto de séculos de um diálogo cuja riqueza e benefício mútuo só podem ser avaliados à luz da assustadora intempestuosidade das recorrentes discordâncias: os “tufões” de que fala o título deste livro.

A enorme capacidade de adaptação e ressurgimento que têm caracterizado esta pequena população através da sua longa e tormentosa história é paradigmática. Por reduzido que o seu número nos possa parecer hoje, os macaenses continuam a constituir um dos vectores centrais da sociedade de Macau. Durante as duas últimas décadas de rápida e profunda mudança, eles demonstraram mais uma vez como são capazes de responder aos importantes desafios com que a história os tem confrontado.

A principal lição deste estudo para o cientista social é a de salientar a natureza contextual das identidades étnicas.